

Problemas de Género¹

A recepção dos escritos de Judith Butler sobre o *Gender Trouble* (1990) e *Bodies that Matter* (1993) ainda agora começou em Portugal – a tradução portuguesa de *Problemas de Género* foi editada apenas em 2017; uma tradução para português europeu de *Bodies that Matter* continua em falta, ainda. A tradução para o português do Brasil foi feita muito mais cedo, em 2003, e *Corpos que importam* foi editado em 2019. A respectiva recepção do pensamento Butleriano no Brasil, assim como a sensibilidade para problemas de género em geral, é incomparavelmente maior e perdura, tendo as mais recentes publicações da filósofa norte-americana – por exemplo *A Força da Não-Violência* (2021) – sido recebidas já com grande sucesso e repercussões consideráveis em universidades brasileiras.

A sexta edição da Revista *Cinema & Território* lança um olhar sobre a representação dos géneros no cinema contemporâneo, ou seja, sobre o cinema que problematiza a questão da igualdade dos géneros desde a segunda metade do século XX até hoje.

Em 2006, Ana Luísa Amaral afirmava: “Vivemos tempos de feminismos plurais, porém, não ainda (e infelizmente, se bem entendido), de pós-feminismo.” Mesmo sem referir a longa história dos Estudos de Género mundiais com as suas características nómadas (Braidotti 1994) e culturalmente condicionadas, notamos ainda, ao apreciar os diversos artigos para a presente edição, que a questão dos géneros tem a sua origem nos feminismos: a questão parte, na maioria dos contributos, das mulheres e do feminino e, em parte, da crítica ao patriarcalismo. Porém, nas análises de filmes das primeiras duas décadas do século XXI já prevalece, claramente, a preocupação com a diversidade de todos os géneros representados no cinema, bem como a sua análise. No caso dos contributos que analisam narrativas audiovisuais mais recentes, torna-se bem visível que a análise cultural a partir da perspectiva de género é um acto cultural.

Os Estudos de Cinema, entretanto, assumiram aproximações pluri-metodológicas para o seu campo de investigação, ou seja, nas palavras de Miriam Hansen, um “eclecticismo saudável” (Hansen 2012). Transparece, nos contributos para este número 6 da Revista *Cinema & Território*, que existem não só múltiplos instrumentos de análise, mas também que surgiu uma nova linguagem cinematográfica, revelando uma consciência política (no lato sentido de pólis) do “problema género”.

Enquanto sexo e género forem alvo/matéria de problematização cinematográfica, estamos longe de um território em que seja concretizado o fim da heteronormatividade e do pensamento binário hegemónico, portanto, longe da era pós-género.

Anne Martina Emonts
Funchal, Novembro de 2021

¹ Este texto não foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico.